

## SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PELOTAS

NICOLE BORBA RIOS BARROS<sup>1</sup>; INGRID OLIVEIRA<sup>2</sup>; TEODORA SCHUMACHER BAUER<sup>3</sup>; MARIA LAURA VIDAL CARRETT<sup>4</sup>

*1 Universidade Federal Pelotas – nicoleborbarios55@gmail.com*

*2 Universidade Federal Pelotas – ingridmoliveira@outlook.com*

*3 Universidade Federal Pelotas – Teodoraschumacherbauer@outlook.com*

*4 Universidade Federal Pelotas – mvcarret@hotmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde Adolescência considera adolescência o período entre os 10 e 19 anos de idade, quando ocorrem grandes transformações físicas, psíquicas e social. (OMS, 2018). A sexualidade, que esta presente durante toda a vida, encontra na adolescência, momento de grande vulnerabilidade, entre outros motivos, por causa das alterações hormonais, necessidade de passar por experiências novas e à grande influência do meio. (GENZ, 2017). A literatura tem mostrado as consequências disso, como os elevados índices de gravidez na adolescência, adoção de comportamentos sexuais de risco e outros comportamentos (como consumo de álcool e drogas) que aumentam ainda mais os riscos dessa fase, levando a altas prevalências de doenças sexualmente transmissíveis (DST) nessa faixa etária. Entre adolescentes que tem relações sexuais, pouco mais da metade refere usar preservativos em suas relações sexuais, 25% desses jovens com menos de 25 anos de idade são atingidos por DSTs, (GENZ, 2017; ALVES, 2008; COSTA, 2007). Além do mais, 65% dos casos de AIDS manifestam-se entre 20 e 39 anos, refletindo a aquisição do vírus HIV durante a adolescência – 10 a 15 anos constitui a fase assintomática. Além do mais, há evidências que confirmam não só a relação entre a gestação durante a adolescência e o abandono escolar mas também a prevalência de gestantes adolescentes em condições socioeconômicas precárias. (COSTA, 2007)

Desse modo, faz-se extremamente necessário o planejamento de ações que visem desenvolver, junto ao aluno de escola pública, uma reflexão a cerca de suas atitudes, concepções e valores para com a abordagem da temática sexualidade, aprimorando o seu conhecimento e buscando transmitir a conscientização segura sobre educação sexual (EGYPTO, 2003; KLEIN, 2003; BRUZAMARELLO, 2010).

O presente projeto possui a finalidade de avaliar o conhecimento e comportamento relacionado a sexualidade em escolares, e, posteriormente, realizar rodas de conversa com a intenção de afetar positivamente a educação sexual desses adolescentes.

### 2. METODOLOGIA

Realizou-se estudo transversal descritivo com base de dados primários, coletados a partir de questionários para avaliar conhecimento e comportamento relacionados a sexualidade de escolares do primeiro e segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes, em Pelotas/RS. Inicialmente, os escolares receberam um Termo de Consentimento para participar do estudo que deveria ser assinado pelo responsável pelo adolescente. Foram incluídos no estudo, todos os escolares que estavam presentes na escola no dia do estudo e que trouxeram o Termo assinado pelo responsável ou que era maior de idade. Assim que chegaram na sala, os escolares foram convidados a responder um questionário auto aplicados, não identificados. As variáveis

estudadas foram: idade (em anos), sexo (masculino; feminino), conhecimento sobre alguns métodos contraceptivos (camisinha masculina, camisinha feminina, dispositivo intrauterino (DIU), anticoncepcional oral (ACO), pílula do dia seguinte, tabelinha, coito interrompido). Também foi estudada a fonte de conhecimento sobre corpo feminino, corpo masculino, menstruação, virgindade, relação sexual, gravidez na adolescência, DST e AIDS (“em casa”, “na escola”, “com amigos”, “TV, revista, livro”, “sozinho ou não sabe”), idade da primeira relação sexual (idade em anos) e uso de preservativo (sempre, as vezes, nunca ou não tem relações). Logo após responder o questionário, os escolares foram divididos em quatro grupos com realização de roda de conversa sobre os temas relacionados com sexualidade, com esclarecimento de dúvidas.

Os dados coletados foram digitados em tabela em Microsoft Office Excel 2013 e posteriormente analisados.

O presente estudo denominado “Te Liga 2018” apoia-se numa iniciativa prévia de membros do *Standing Committee on Sexual and Reproductive Health Including HIV/AIDS* (SCORA) pelo comitê local da UFPel.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 31 escolares, com idades entre 14 e 19 anos, distribuídos em 3,2% com 14 anos (N=1), 25,8% com 15 anos (N=8), 51,6% com 16 anos (N=16), 6,5% com 17 anos (N=2), 6,5% com 18 anos (N=2) e 3,2% com idade ignorada (N=1). Daqueles que informaram o sexo (N=30), metade era do sexo masculino e a outra metade do sexo feminino. Quase todos os escolares moravam com pais (93,6%) e 6,5% morava com os avós.

Quanto ao conhecimento sobre métodos contraceptivos, 96,8% referiu conhecer a camisinha masculina, 90,3% referiu conhecer a camisinha feminina, 48,4% afirmou ter conhecimento sobre DIU, 61,3% referiu ter conhecimento sobre ACO, 90,3% referiu ter conhecimento sobre pílula do dia seguinte, 19,4% e 9,7% afirmou ter conhecimento sobre método da tabelinha e coito interrompido, respectivamente (Tabela 1). Porém, mesmo com alto percentual de conhecimento referido para alguns métodos contraceptivos, durante o trabalho em grupo, foi possível observar muitas dúvidas sobre todos os métodos, tais como a técnica correta de utilização de cada método, se colocar dois preservativos simultaneamente aumentava a eficácia do método. Os escolares referiram menos conhecimento sobre métodos contraceptivos naturais que, embora não protejam contra DST e sejam menos efetivos para prevenção de gestação, permitem autoconhecimento de sua sexualidade.

As principais fontes de conhecimento sobre temas relacionados à sexualidade (Tabela 2) foram a casa do escolar e a escola (Tabela 2). Mais de 60% dos escolares aprenderam sobre corpo feminino e masculino, tanto em casa como na escola, 42% aprendeu também com amigos e menores percentuais aprenderam por outras fontes. Temas como menstruação, virgindade e relação sexual tiveram sua principal fonte de aprendizado, a casa do escolar (74,2%, 77,4% e 67,7%, respectivamente). A principal fonte de aprendizado sobre DST e AIDS foi a escola, seguido pela casa do escolar.

Quanto ao comportamento sexual (Tabela 3), daqueles que responderam as perguntas referentes a idade da primeira relação sexual (N=29), 31,0% (N=9) nunca haviam tido relação sexual e 69,0% (N=20) já tinham tido relações sexuais. A média de idade da primeira relação sexual foi 14,9 anos, sendo que 85% se iniciou sexualmente com 15 anos ou menos. Entre aqueles que já tiveram relações sexuais (N=20), 55% (N=11) referiram sempre usar preservativo nas relações sexuais, 30% usa preservativo as vezes e 15% não usa preservativo.

**Tabela 1.** Conhecimento dos escolares sobre alguns métodos contraceptivos, 2018. Pelotas, RS. (N=31).

<b>Método contraceptivo</b>	<b>Conhece N (%)</b>	<b>Não conhece N (%)</b>	<b>Não informou N (%)</b>
Camisinha masculina	30	-	1
Camisinha feminina	28	2	-
DIU	15	15	-
Anticoncepcional oral	19	9	3
Pílula do dia seguinte	28	2	1
Tabelinha	6	21	4
Coito interrompido	3	25	3

**Tabela 2.** Fonte de conhecimento sobre temas relacionados à sexualidade em escolares, 2018. Pelotas, RS. (N=31).

<b>Temas</b>	<b>Em casa</b>	<b>Na escola</b>	<b>Com amigos</b>	<b>TV, revista, livros</b>	<b>Sozinho ou não sabe</b>
Corpo feminino	20	21	13	12	10
Corpo masculino	19	20	13	7	8
Menstruação	21	15	12	10	8
Virgindade	23	14	15	11	7
Relação sexual	24	16	12	11	8
Gravidez na adolescência	21	22	14	11	6
DST	18	20	11	11	7
AIDS	19	20	11	12	7

**Tabela 3.** Comportamento sexual de escolares entre aqueles que já tiveram relações sexuais, 2018. Pelotas, RS. (N=20)

<b>Comportamento sexual</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Idade da primeira relação sexual		
13 – 14 anos	6	30
15 anos	11	55
16 – 17 anos	3	15
Uso de preservativo		
Sim, sempre	11	55
As vezes	6	30
Não usa	3	15

#### 4. CONCLUSÕES

O estudo permitiu constatar que mesmo os escolares referindo ter conhecimento sobre os métodos contraceptivos mais frequentemente utilizados e terem aprendido sobre os principais temas de sexualidade em casa e/ou na escola; seu comportamento sexual, com início precoce das relações sexuais, baixa frequência de utilização de preservativos e com as dúvidas extremamente elementares que surgiram durante as oficinas, demonstra que ainda temos um longo caminho a ser percorrido para melhorar o conhecimento e comportamento de adolescente, de forma a lidarem de forma tranquila e segura com sua sexualidade.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Salud de los adolescentes**. Genebra, 2018. Acessado em 09 set. 2018. Disponível em: [http://www.who.int/topics/adolescent\\_health/es/](http://www.who.int/topics/adolescent_health/es/)
- GENZ, N. MEINCKE, S.M.K.; CARRET M.L.V, et al. **Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual da adolescentes**. Texto Contexto Enfermagem. 26(2):e5100015. 2017.
- ALVES, A.S.; LOPES, M.H.B.M. **Conhecimento, atitude e pratica do uso de pilula e preservativo entre adolescentes universitarios**. Revista Brasileira de Enfermagem. Jan-fev; 61(1): 11-7. 2008.
- COSTA, M.C.O.; Bigras, M. **Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência**. Ciências e Saúde Coletiva. 12(5): 1101-9. 2007
- EGYPTO, A.C. **O Projeto de orientacao sexual na escola**. IN.: EGYPTO, A.C. organizador. **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Editora Cortez; 2003. P.13-31.
- KLEIN, T.A.S. **Sexualidade, adoelscência e escola: uma abordagem interdisciplina**. IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2003
- BRUZAMARELLO, B. **Educacao sexual de adolescentes nas escolas: um olhar sobre o cenário brasileiro**. 2010. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharel em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul